

O CRISTÃO E A CRIAÇÃO: POR UMA TEOLOGIA PENTECOSTAL EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE

Alisson Sant' Anna²

RESUMO

O objetivo deste Artigo Científico é de expor as deficiências na relação do cristão pentecostal com o Meio Ambiente e apontar sugestões de possíveis pontos de partida para a correção dessas falhas e a formulação de uma Teologia Pentecostal em harmonia com o Meio Ambiente. Os dados do site da ONU do Brasil afirmam o estado crítico do Meio Ambiente, estado esse explicado pelo pensamento presentista e imediatista do Homem da Pós-Modernidade. Existe uma série de fatores teológicos que aprofundam o descaso do cristão pentecostal para com o Meio Ambiente, somado ao fato de também pertencer à Pós- Modernidade. Para a mudança de tal relação faz-se necessária a mudança de alguns paradigmas e algumas propostas são apresentadas.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia do Meio Ambiente; Teologia Pentecostal; Harmonia; Homem da Pós-Modernidade; Propostas;

ABSTRACT

² Bacharel em Teologia Especializado em Ciências da Religião; cursando 2ª Graduação em História na UFPR (Universidade Federal do Paraná) de Curitiba-PR; Professor Tutor de Teologia na Faculdade UNINA de Curitiba-PR.

The objective of this scientific article is to expose the flaws in the christian pentecostal's relationship with the Environment and to indicate suggestions of possible starting points for the correction of these flaws and the formulation of a Pentecostal Theology in harmony with the Environment. The data in the UN of Brazil's site affirm the critical state of the Environment, a state that is explained by the presential and immediatist thought of the Post- modern Man. There is a series of Theological aspects that deepen the neglect of the Environment, added to the fact of it to belong to a Postmodernity. In order to change this relationship it is necessary to change some paradigms and some proposes are showed.

KEY WORDS: Theology of the Environment; Pentecostal Theology; Harmony; Postmodern Man; Proposals;

INTRODUÇÃO

O objetivo deste Artigo Científico é relacionar a Teologia Pentecostal com o Meio Ambiente. O Homem da Pós-Modernidade, inclusive o cristão pentecostal, caminha por caminhos tortuosos em sua relação com o Meio Ambiente.

O presente Artigo Científico é uma adaptação do TCC³ (Monografia)⁴ do autor para a obtenção do título de Bacharel em Teologia na Faculdade Teológica Refidim de Joinville-SC.

³ Trabalho de Conclusão de Curso.

⁴ A Assembleia de Deus e a Criação: Por Uma Teologia Pentecostal em Harmonia com o Meio Ambiente (2016).

A presente pesquisa surgiu de prévias reflexões sobre o assunto e objetiva, a partir de um embasamento bíblico/teológico formular propostas de uma Teologia Pentecostal em harmonia com o Meio Ambiente, partindo pelo entendimento do pensamento do Homem da Pós- Modernidade, seguindo pela Teologia Pentecostal e finalmente chegando a um ponto onde é possível se formular tais propostas.

No primeiro tópico deste Artigo Científico, serão expostos dados sobre a degradação do Meio Ambiente oriundos do site da ONU do Brasil e a reflexão de teóricos sobre o que pensa o Homem na Pós-Modernidade. No segundo tópico, será feita uma breve exposição da Teologia Pentecostal sobre as questões ambientais. No terceiro tópico serão apresentadas propostas para uma Teologia Pentecostal em harmonia com o Meio Ambiente que preserve a identidade do cristão pentecostal.

1. PENSANDO O MEIO AMBIENTE

Muito se fala sobre o Meio Ambiente nos dias de hoje e sobre sua degradação, contudo, qual é a real situação do Meio Ambiente?

Este capítulo contará com os dados da degradação do Meio Ambiente e uma exposição do pensamento contemporâneo podendo vir a explicar o porquê de tal descaso.

1.1 A DEGRADAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

Se o Aquecimento Global acontece há tanto tempo, por que apenas atualmente se fala tanto sobre o assunto? A verdade é: Vive-se um momento onde a humanidade pratica suas causas de forma cada vez mais agressiva.

Segundo o site da ONU⁵ do Brasil, as emissões globais de dióxido de carbono aumentaram em 50% desde os anos 90 e tais emissões têm como os seus principais causadores a queima de combustíveis fósseis e o desmatamento. 30% de tudo isso foi absorvido pelo oceano, o que o tornou mais ácido⁶.

Além da acidez marítima, essas práticas poluentes também causam a elevação da temperatura atmosférica. “De 1880 a 2012, a temperatura média global aumentou 0,85°C. Sem nenhuma ação, a média de temperatura mundial deve aumentar 3°C até o fim do século 21 [...]” (ONU, 2015). Tal aquecimento leva ao derretimento das calotas polares e aumenta o nível dos mares. Muitas das cidades costeiras serão inundadas, e como sempre, nossos pobres serão os mais afetados⁷.

Para nos proteger contra esses efeitos devastadores do Aquecimento Global, pode-se contar somente com o oceano, quando limpo, por auxiliar na absorção de gases nocivos. No entanto tal função afeta o estado da água e, portanto, todo o suave equilíbrio da vida no mar. De acordo com o site da ONU do Brasil, mais de três bilhões de pessoas têm sua fonte primária de alimentação em um mar que já não é mais o mesmo de outros tempos (ONU, 2015). A poluição direta no mar elimina o habitat natural costeiro de muitas espécies incapazes de se adaptar em mar aberto e que já foram o alimento primário de povos litorâneos, os quais precisaram migrar ou se adaptar a

⁵ Organização das Nações Unidas.

⁶ ONU, Organização das Nações Unidas do Brasil. Conheça os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/> Acesso em: 21/09/2016.

⁷ BOFF, Leonardo. As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral. Rio de Janeiro-RJ: Mar de Ideias: Navegação Cultural, 2012.

novos alimentos, que quando feito de forma estanque pode gerar muitos malefícios a saúde humana.

Além da liberação de dióxidos de carbono o Homem ainda se ocupa da destruição dos mocinhos. “Treze milhões de hectares de floresta são perdidos a cada ano.” (ONU, 2015). Quem não estudou na escola que as florestas são produtores de oxigênio a partir de dióxido de carbono? É bem verdade que as plantas também respiram, criando dióxido de carbono a partir da queima de oxigênio, entretanto quando realizam o processo da fotossíntese, processo de onde tiram seus nutrientes vitais, fazem o oposto em uma escala muito maior à da sua respiração. Mesmo sabendo disso nossas possíveis salvadoras não são poupadas.

Além da sua função reguladora do oxigênio, de acordo com o site da ONU do Brasil, cerca de 1,6 bilhões de pessoas vivem da floresta, sendo 70 milhões dessas indígenas (ONU, 2015). “Florestas são o lar de mais de 80% de todas as espécies de animais, plantas e insetos terrestres.” (ONU, 2015), perdendo em biodiversidade apenas para o próprio Oceano. 8% das suas espécies conhecidas estão extintas e 22% são ameaçadas de extinção (ONU, 2015). O desequilíbrio ambiental não apenas deixa o mundo mais quente e matará muitos no futuro como já mata hoje. Talvez por hora não o ser humano, mas a fauna e a flora já sentem seus efeitos de forma avassaladora e isso afeta o Homem direta e indiretamente.

Prova disso é que “2,6 bilhões de pessoas dependem diretamente da agricultura, mas 52% da terra usada para a agricultura é afetada moderada ou severamente pela degradação do solo.” (ONU, 2015). A Desertificação afeta muitas terras que são destinadas à agricultura, segundo o site da ONU do Brasil: “Anualmente, [...], 12 milhões de hectares são perdidos [...], espaço em que 20 milhões de toneladas de grãos poderiam ter crescido.”

(ONU, 2015). Isso sem falar dos pequenos agricultores que plantam apenas para subsistência. O site da ONU do Brasil revela que 80% das pessoas que vivem nas áreas rurais dos países em desenvolvimento não têm acesso à medicina formal e lançam mão da medicina tradicional, baseada no tratamento com ervas (ONU, 2015). Os números sem dúvida são aterradores.

Percebe-se assim que a cada dia o Homem vai contra o que o mantém vivo. Com o gás carbônico acaba-se com o próprio ar respirado, influenciando o estado da saúde humana diretamente a médio e longo prazo. Os mares e as plantas, fontes do alimento humano e animal, que por fim também se tornam alimento humano, são igualmente afetados, com a diferença que nesses o efeito se dá em curto e médio prazo.

Já soou o alarme ecológico. De todos os lados, das grandes instituições que acompanham o estado da Terra [como a ONU], de relatórios de Governos e de advertências de grandes nomes das ciências nos chegam cenários dramáticos a respeito do aquecimento global, devido ao aumento de gases de efeito estufa como dióxido de carbono e o metano, entre outros; (BOFF, 2012 p.10).

Ampliando, Leonardo Boff revela: “Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro.” (BOFF, 2012 p.10). O atual estado do Meio Ambiente pode ser resumido da seguinte maneira: “[...] a regulação normal da Terra está falhando e está se aproximando do estado crítico, quando toda a sua vida pode correr perigo.” (BOFF, 2012 p.12). Este é o Problema do Meio Ambiente.

1.2 O PENSAMENTO CONTEMPORÂNEO

A pergunta que fica é a seguinte: Se é de conhecimento comum o atual estado do Meio Ambiente, o que falta para uma movimentação agressiva, com o propósito de resolver tal problema?

A resposta pode ser mais complexa do que se pode imaginar. E para entender os verdadeiros motivos por trás de tal estagnação, ou pelo menos iniciar um caminho para sua compreensão, torna-se necessário um estudo sobre o pensamento contemporâneo a partir de um Historiador, um Teólogo e um Filósofo contemporâneos.

- **Por um Historiador Contemporâneo: François Hartog**

Segundo João Paulo Pimenta as duas principais ideias de Hartog, são estas: “a da simultaneidade de tempos históricos a pautarem a vida de toda e qualquer sociedade observável em perspectiva histórica”⁸; e a “[...] suposta ampla dominância, a partir das últimas décadas da história da humanidade, do presente sobre qualquer noção de passado ou futuro [...]” (PIMENTA, 2015 p.400).

Hartog trabalha com o conceito de Regime de Historicidade, definido por ele como sendo “apenas a expressão de uma ordem dominante do tempo”⁹. De acordo com Pimenta, Hartog não demonstra a capacidade de explicar de forma concisa o significado do termo Regime de Historicidade,

⁸ PIMENTA, João Paulo. História do Presentismo, História Presentista? A propósito de Regimes de historicidade, de François Hartog. São Paulo: Revista Histórica, no. 172, Janeiro 2015 p.400.

⁹ HARTOG, François. Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2015 p.139.

contudo, é possível se entender o conceito quando seu livro finalmente passa a falar de Presentismo¹⁰ (PIMENTA, 2015).

No Presentismo de Hartog, o valor do passado está em sua capacidade de explicar o porquê se vive como se vive, se come o que se come e se habita onde se habita. Por sua vez, o futuro tem seu valor em justificar os atos do presente, que devem servir para a geração de um futuro melhor e mais próspero.

Em seu livro, Hartog fala sobre o patrimônio. Conforme ele afirma, muitos podem observar a corrida do Homem Pós-Moderno pela patrimonialização como um desejo por viver novamente um regime de historicidade regido pelo passado, no entanto, isso nada mais é do que mais uma das manifestações do Presentismo (HARTOG, 2015).

O Presentismo é marcado pela utilidade no presente, tornar algo um patrimônio é usá-lo como gerador de significado para o presente. Um prédio considerado patrimônio era apenas história e poderia muito bem ser demolido para dar lugar a um prédio que tivesse sua utilidade no presente, todavia, quando esse prédio se torna um patrimônio ele assume a função que a história possui no Presentismo, a função geradora de significado (HARTOG, 2015).

No último tópico do último capítulo de seu livro, François Hartog deixa um espaço para o Meio Ambiente, onde acaba por encaixar a sua relação com o Homem Pós-Moderno dentro da relação deste com o patrimônio (HARTOG, 2015). Trabalhando por outros conceitos, mas

¹⁰ Termo cunhado por François Hartog em seu livro Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo do ano de 2015.

chegando a um resultado muito parecido temos o Dr Euler Westphal, falando sobre a instrumentalização do Meio Ambiente em seu livro O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial¹¹ que será tratado em seguida.

- **Por um Teólogo Contemporâneo: Euler R. Westphal**

Pode-se dizer muito sobre a Instrumentalização do Meio Ambiente, mas primeiro é importante entender o porquê ela acontece.

Para uma compreensão adequada do tema, é necessário ter em mente seu pano de fundo, já abordado ao longo deste tópico.

De forma simplista, para o pensamento da Pós-Modernidade, o Homem tem o direito de retirar do Meio Ambiente o que ele bem entende, na quantidade que ele bem entende e quando ele bem entende, pois “o desempenho técnico e a utilidade operacional do conhecimento científico são considerados critérios da verdade.”¹², e caso o Meio Ambiente não tivesse uma utilidade prática não haveria sequer motivo para a sua existência. Sem dúvida, articuladores de tal pensamento se esquecem de seus anos nas séries iniciais onde aprenderam a sua utilidade prática.

O desequilíbrio ambiental pode ser visto com clareza, sem a necessidade de muita abstração, desde que se olhe. Em 2004 houve um caso aqui mesmo no Sul. “Constatou-se [...] que os sapos na região de Corupá, Santa Catarina, estavam sendo mortos por carrapatos em virtude do desequilíbrio ambiental. De fato observa-se que muitas espécies desapareceram devido à degradação ambiental.” (WESTPHAL, 2004 p.39).

¹¹ Pela editora União Cristã do ano de 2004.

¹² WESTPHAL, Euler Renato. O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial. São Bento do Sul-SC: União Cristã, 2004 p.20.

Westphal alega que existe uma crise fundamental a qual ele atribui ao uso excessivo de fontes energéticas não renováveis, o acúmulo de gases na atmosfera e a diminuição expressiva da biodiversidade (WESTPHAL, 2004), subprodutos da instrumentalização do Meio Ambiente.

Em conformidade a Westphal, tal instrumentalização se dá por meio do que ele chama de “sete fios que compõe a matriz operacional dessa nova era [...]” (WESTPHAL, 2004 p.41).

O primeiro fio diz respeito à capacidade de isolar, identificar e recombinar, manipulando os recursos genéticos com o fim de explora-los comercialmente. O segundo elemento à concessão de patentes de genes, tecido geneticamente produzido, órgãos e organismos. A partir disso, as empresas detentoras de tecnologia podem explorar os novos recursos (WESTPHAL, 2004 p.42).

A um olhar desatento, o leitor pode ser levado a crer que o assunto abordado aqui caminha para uma área diferente do trabalhado até então. No entanto, é importante se entender que os genes supracitados são encontrados em plantas e animais raros e sua exploração pode facilmente levar a sua extinção, causando assim, um desequilíbrio do bioma ao qual pertencem. Continuando com o pensamento de Westphal:

O terceiro fio que compõe essa rede seria a globalização da indústria da biologia, mapeando todos os recursos do planeta com o objetivo de explorá-los. A globalização do comércio cria as condições para a comercialização de todos os setores da vida, desde agricultura até medicina. O Quarto elemento trata da possibilidade técnica de se

recriar uma sociedade eugênica, aplicando a seleção genética a partir do mapeamento de 30 mil genes que compõem o genoma humano. O quinto é o conhecimento sobre o comportamento humano a partir dos fatores genéticos e a manipulação de alimentos, favorecendo a aceitação das novas tecnologias pela opinião pública (WESTPHAL, 2004 p.42).

O próximo fio é onde culmina tudo até aqui: O simples uso da Informática, que permite um controle técnico e mais confiável de todo o funcionamento dos fios anteriores (WESTPHAL, 2004). O último fio é o fio que inspira o nome ao livro de Euler Westphal¹³. Nele se encontra um Homem que acredita ser o herdeiro de Deus e, logo, precisa continuar o seu trabalho da onde ele parou (WESTPHAL, 2004). “O processo evolutivo estaria a cargo não de um processo natural, mas seria levado a cabo pelo próprio ser humano ao modificar o mapa genético, eliminando os defeitos nele contidos.” (WESTPHAL, 2004 p.43). Conforme Westphal, tal instrumentalização do patrimônio Meio Ambiente, fruto do Presentismo de Hartog, não só atropela os processos jurídicos como tudo o que se entende por bioética (WESTPHAL, 2004).

• Por um Filósofo Contemporâneo: Zygmunt Bauman

O pensamento de Zygmunt Bauman traz um esclarecimento sobre as reflexões supracitadas. Para ele não existe Pós-Modernidade no sentido de uma nova era, mas a Pós- Modernidade estaria para a Idade Moderna assim como Baixa Idade Média está para a Alta Idade Média. Sendo assim, a Pós-

¹³ O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial de 2004.

Modernidade seria apenas um novo momento da Idade Moderna e não uma nova era, posterior à Idade Moderna (como o nome sugere)¹⁴.

Para Bauman, a Idade Moderna tem por natureza a função de tornar a rigidez da Idade Média e das eras anteriores mais líquida, sendo ela uma crítica à Idade Média (Bauman, 2001). Seu primeiro ato foi o de remover a Teologia de seu trono de Rainha de Todas as Ciências, eliminando, dessa forma, a maneira sólida da Idade Média e da Igreja Católica Apostólica Romana de se ver o mundo e criando uma maneira líquida de fazê-lo, agora dependendo dos óculos de qual ciência se usa. O mundo é a Criação para a Teologia; já para a Biologia, o emaranhado de Vida; enquanto para a Astronomia é um complexo sistema que funciona sob as leis da Física Termodinâmica.

Em todo o seu percurso, a Idade Moderna cumpriu a sua função liquidadora culminando na Pós-Modernidade, onde tal liquidez se manifesta abertamente (Bauman, 2001). Na atualidade a Pós-Modernidade discute sobre as questões de gênero e talvez seja só uma questão de tempo para que nossos pressupostos sobre o assunto, sólidos e oriundos da Idade Média e de eras anteriores, sejam igualmente liquidificados pela implacável Idade Moderna Liquidificada.

A definição máxima da Modernidade Líquida¹⁵ para Bauman vem nas palavras de Paul Valéry¹⁶:

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2001.

¹⁵ Termo cunhado por Zygmunt Bauman para se referir a Pós-Modernidade em seu livro homônimo do ano de 2001.

¹⁶ Poeta simbolista e Filósofo francês.

Interrupção, incoerência, surpresa são as condições comuns de nossa vida. Elas se tornaram mesmo necessidades reais para muitas pessoas, cujas mentes deixaram de ser alimentadas ... por outra coisa que não mudanças repentinas e estímulos constantemente renovados ... Não podemos mais tolerar o que dura. Não sabemos mais fazer com que o tédio de frutos (BAUMAN, 2001 p.7).

As reflexões dos pensadores supracitados fazem todo o sentido quando observadas a partir de Bauman. A Idade Moderna surgiu liquidificando todos os conceitos, inclusive os de tempo, passado, presente e futuro, dando assim origem ao Presentismo, liquidificação essa que gerou a Pós-Modernidade ou uma Modernidade Líquida.

A relação do Homem com o Meio Ambiente também não pode ser apontada como um simples descaso. Aos olhos das massas, o Meio Ambiente é apenas mato que traz à tona um passado lembrado com nostalgia, mas que jamais quer ser revivido. Para os naturalistas e filósofos naturais o Meio Ambiente é o nosso lar, contudo, para os economistas e grandes empresários o Meio Ambiente é a fábrica da matéria-prima de seu produto que precisa se manter no mercado para o equilíbrio da economia, possuindo uma importância infinitamente maior do que o equilíbrio ambiental do bioma do qual essa matéria-prima foi extraída.

A Modernidade Líquida liquidifica tudo, inclusive a visão do Homem em relação ao Meio Ambiente. Não existe mais uma visão sólida, característica da Idade Média e das eras anteriores e o pouco que ainda resta está fadado, diria Bauman, à liquidificação.

2. PENSANDO A PARTIR DA TEOLOGIA PENTECOSTAL

No tópico anterior foram expostos dados do site da ONU do Brasil sobre a degradação do Meio Ambiente e sua concordância com o Pensamento do Teólogo Leonardo Boff, além de uma reflexão sobre o que se pensa sobre o Meio Ambiente na Pós-Modernidade. Agora, para uma análise teológica, será observado o pensamento do cristão pentecostal na visão de um Teólogo pentecostal.

2.1 POR UM TEÓLOGO PENTECOSTAL: Fernando Albano

Na teologia pentecostal há uma concepção de ser humano caracterizado por um dualismo moderado. A alma/espírito é compreendida como parte do sujeito que constitui a identidade humana; também é considerada dimensão privilegiada na relação com o divino é imagem de Deus¹⁷.

Por conta disso existe uma desvalorização sem tamanho do corpo. Dr Fernando Albano afirma que, para a Teologia Pentecostal, o corpo não possui nenhum valor e nas raras ocasiões onde é valorizado seu valor não vem de si próprio, mas sim da alma/espírito, por este ser o seu receptáculo. O corpo é o culpado pelo pecado, por sua natureza mundana e carnal, quando o pecado não é atribuído à alma, já que o corpo como uma mera casca não poderia nem mesmo pecar (ALBANO, 2010).

¹⁷ ALBANO, Fernando. Dualismo Corpo/Alma na Teologia Pentecostal. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-104185/dualismo-corpoalma-na-teologia-pentecostal>
Acesso em: 01/09/2016.

Seguindo esse caminho vem à desvalorização de tudo o que é mundano e carnal. Qualquer coisa que não edifique a alma deve ser deixada de lado e o foco deve ser em jejuns e outras formas de se mortificar a carne. Mas profundo nessa lógica então se encontra o descaso com as outras formas de vida consideradas inferiores por não conterem alma/espírito e em alguns casos quando a alma dessas é reconhecida é vista como uma alma de vida terrena que se acaba junto com ela, por não possuir um espírito que a vivifique, como no caso da alma humana (ALBANO, 2010). Daí para o completo descaso para com o Meio Ambiente não existe um caminho muito longo.

Isso acontece em uma Teologia Pentecostal Pós-Moderna, marcada como qualquer outra instituição pelo Presentismo, no entanto, mesmo no passado, quando a Escatologia era forte dentro do Pentecostalismo, o descaso não era menor, pelo contrário, apenas se agravava. Toda a Criação viraria cinzas dando lugar a um novo Céu e uma nova Terra, apenas o Homem teria lugar nessa nova Criação, por ser Imago Dei¹⁸ (ALBANO, 2010). Possivelmente, essa Escatologia também serviu para o surgimento do sentimento de superioridade do Homem Pentecostal da Pós-Modernidade. Na Teologia Pentecostal, o Meio Ambiente se vê encurralado pelo Homem Pentecostal do passado, que aguarda a sua transformação em cinzas e o de hoje, que está acima dele, graças a sua alma/espírito que o liga com Deus e por isso não precisa se preocupar com ele.

Conquanto, hoje em dia, já existe certa valorização do corpo se comparado com os primórdios do Pentecostalismo e dessa maneira também

¹⁸ Imagem e semelhança de Deus.

com o material (ALBANO, 2010), infelizmente essa valorização não muda a relação do cristão pentecostal com o Meio

Ambiente de forma relevante, já que nesse caso esse se apega mais ainda ao estilo de vida de uma Modernidade Líquida.

3. PENSANDO UMA TEOLOGIA PENTECOSTAL EM HARMONIA COM O MEIO AMBIENTE

Nesse tópico final serão formuladas propostas para uma Teologia Pentecostal em Harmonia com o Meio Ambiente que preserve a identidade do cristão pentecostal de cristão pentecostal. Para o surgimento dessa Teologia faz-se necessário, dentre outros: Desenvolver uma ética ambiental; rever a visão de Terra; restaurar a natureza humana do cuidado; superar o Dualismo Corpo/Alma; abrir-se para a abrangência da atuação do Espírito Santo; aderir a uma visão integral do Evangelho; repensar conceitos escatológicos engessados. A seguir, uma breve síntese sobre cada uma dessas sete propostas.

3.1 AS 7 PROPOSTAS

Desenvolver uma ética ambiental: “Todo o sistema econômico e social é construído sobre pressupostos éticos [...]”¹⁹. Parafraseando Henrique Leff nosso sistema econômico foi criado sobre o pressuposto do Homem da Idade Moderna de que não existe problema no egoísmo do Homem e o acúmulo de capital deve ser encorajado; e da crença da sociedade cristã ocidental na superioridade do Homem em relação ao restante do Meio Ambiente e seu domínio divinamente instituído sobre o mesmo (LEFF, 2015).

¹⁹ As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral.

A racionalidade econômica faz com que o trabalho seja visto como um processo diário e não como um espaço para a criação e satisfação profissional. O empregado é visto apenas como mão de obra e o Meio Ambiente como fábrica da matéria-prima necessária para o cumprimento do trabalho. No fim todos trabalham, seja patrão, seja empregado, e vivem com o simples objetivo de resolver suas necessidades, sendo a maior parte delas falsas necessidades, criadas pela própria racionalidade econômica (LEFF,2015). O subproduto de tal sistema é:

[...] o desmatamento, a perda da biodiversidade genética dos recursos bióticos, a extinção de espécies, a erosão dos solos e a perda da fertilidade das terras, a desertificação, a contaminação química da atmosfera, dos solos e dos recursos hídricos, a produção e a disposição de resíduos tóxicos e lixo radioativo, as chuvas ácidas geradas pela industrialização e destruição da camada foliar da floresta, o aquecimento global e a rarefação da camada de ozônio (LEFF, 2015).

A ética ambiental, que é contraponto desse sistema econômico racional, deve ser construída com “o propósito de conseguir um ordenamento racional do ambiente, sem exigir que o ambiente funde uma nova racionalidade, que a degradação ambiental não se resolva com os instrumentos da racionalidade econômica.” (LEFF, 2015). Por seguinte, é necessário que o trabalho recupere o seu status de profissão, o empregado de profissional e o Meio Ambiente de provedor, que junto ao Homem possa suprir as suas necessidades com uma relação Homem/Meio Ambiente respeitosa e de mão dupla, até que o Homem volte a fazer plenamente parte do Meio Ambiente, como mais um de seus filhos.

Rever a visão de Terra: “Todos moramos juntos na Casa Comum que é a Terra e juntos se entreeajudam para se alimentar, se reproduzir e coevoluir.” (BOFF, 2012 p.9). Para a construção dessa Teologia Pentecostal em Harmonia com o Meio Ambiente, é importante, em primeiro lugar ter esse conceito em mente e se superar a ideia de que o Meio Ambiente é algo separado do Homem e aceitar que o Homem faz parte dele. Segundo Leonardo Boff, os astronautas que alcançaram a Lua disseram que “daqui da Lua ou de nossas naves não existe diferença entre Terra e Humanidade” (BOFF, 2012 p.11). Ele conclui esse pensamento dizendo que o Homem com a Terra formam “uma única e irradiante realidade” (BOFF, 2012 p.11).

Para que o atual estado de degradação do Meio Ambiente seja revertido, não basta que se desenvolva uma tecnologia mais limpa, pois isso simplesmente faria que tal estado não avançasse mais, é necessário se pensar uma vida humana em harmonia com o Meio Ambiente, com a Terra. “Ela não é apenas uma composição de terras elevadas, oceanos, lagos e rios.” (BOFF, 2012 p.11), mas é o lar do Homem, e que vida pode ser vivida em um lar caindo aos pedaços?

A dificuldade de uma mudança paradigmática tão grande é compreensível, pois o Homem nasceu em um meio pronto e se desenvolveu nele aprendendo a ser como ele. Em seu livro²⁰, Leonardo Boff atribui a seguinte frase a Albert Einstein: “É mais fácil quebrar um átomo do que desmontar um preconceito.” (BOFF, 2012 p.23), no entanto, ainda assim, é necessário se trabalhar por um novo pensamento, “Caso contrário podemos conhecer o caminho já percorrido pelos dinossauros.” (BOFF, 2012 p.23).

²⁰ As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral.

Restaurar a natureza humana do cuidado: Em sua obra²¹, Leonardo Boff conta uma fábula que por si só serve muito bem para explicar essa proposta. Esta é a Fábula-Mito do Cuidado que pode ser lida abaixo:

Certo dia, ao atravessar o rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter.

Cuidado pediu-lhe que soprasse o espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar nome a criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome.

Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir seu nome à criatura, pois foi feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada.

De acordo pediram para Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa:

‘Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte da criatura.

Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer.

Mas você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob os seus cuidados enquanto ela viver.

²¹ Saber Cuidar: Ética do Humano – Paixão pela Terra.

*E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura se chamara Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil*²².

Segundo Boff, o cuidado faz parte da natureza do Homem, porém, por conta do modo- de-ser-trabalho²³, que Leff chamaria de racionalismo econômico, essa natureza foi deixada em stand by e é isso que a metáfora do conto acima expressa, o fato de que o Homem foi moldado pelo Cuidado e que esse é quem o acompanha durante a sua vida, ao menos deveria. Logo, torna-se essencial que o Homem passe a viver um modo-de-ser-cuidado, para que as demais propostas possam ser perseguidas.

Superar o Dualismo Corpo/Alma: Como visto no tópico anterior, o Dualismo Corpo/Alma da Teologia Pentecostal é um empecilho para a formulação de uma Teologia em harmonia com o Meio Ambiente, pois essa linha de pensamento coloca tudo do âmbito físico abaixo das coisas ditas do âmbito espiritual e por isso, para a formulação de tal Teologia se faz necessária a superação desse pensamento, já “que o dualismo corpo/alma presente no cristianismo é elemento estranho oriundo do pensamento e cultura helênica.” (ALBANO, 2010 p.39), logo, este não deveria ser defendido com tanto afínco.

Albano apresenta em sua Dissertação de Mestrado um pensamento conhecido como Unidade Condicional do ser Humano. De acordo com essa linha de pensamento, o Homem é composto por corpo, alma e espírito, assim como no Tricotomismo. Todavia, essa separação só aparece no ato da morte,

²² BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014 p.51 e 52.

²³ Termo cunhado por Leonardo Boff no mesmo livro.

entre o seu nascimento e este momento, corpo, alma e espírito são completamente unificados, não demonstrando distinção entre essas partes, o que o Monismo chama de Homem Pleno.

Com esse pensamento o Homem pode ter a esperança cristã intacta, porém tende a deixar de lado a hierarquização das naturezas, já que enquanto está nessa vida ele de forma alguma é corpo, alma e espírito, mas apenas corpo e nesse corpo está comportada a capacidade de interagir com o mundo, que se perde com a morte, a consciência e a capacidade de se comunicar com o divino, os quais desprendem no ato da morte. O Meio Ambiente é tão mundano quando o Homem e, portanto, merece ser cuidado e viver plenamente como ele.

Abrir-se para a abrangência da atuação do Espírito Santo: O cristão pentecostal clássico tenciona a ver as manifestações do Espírito Santo restritas ao ato da salvação (manifestada na vida individual no momento da conversão), no momento do batismo com o Espírito Santo e nas manifestações dos dons do Espírito, principalmente o falar em línguas. Apesar de sempre alardear sobre a imprevisibilidade de Espírito Santo e que segundo seu próprio linguajar, não se deve pôr o Espírito Santo em uma caixinha.

No entanto, conforme o Dr Claiton Pommerening:

Viver segundo o Espírito não é apenas receber a sua ajuda para ter uma vida confortável, mas é também fazer opção a favor dos pobres, permitindo-lhes acesso a bens básicos de consumo, ao trabalho, à renda, à moradia, segurança e educação. E ainda, promover a liberdade, a justiça social, viver a essência do amor a qualquer custo, cuidar

*da natureza, permitir abençoar e ampliar a comunhão cristã com o exercício dos dons e receber sua inspiração para a criatividade e para as artes*²⁴.

Parte da ação do Espírito Santo está em fazer do Homem um imitador de Cristo. Cristo nos ensina sobre o cuidado com a vida acima da Lei. A vida não é monopólio do Homem, mas está espalhada por todo o Meio Ambiente e merece em seu todo, não apenas no Homem, todo o cuidado que Cristo ensinou. Portanto, um cristão que se diga movido pelo Espírito Santo deve, além de falar em línguas e manifestar os dons espirituais, imitar a Cristo tratando a vida como um todo com o mesmo cuidado que Cristo nos trata, e isso abrange o Meio Ambiente.

Aderir a uma visão integral do Evangelho: Diferente do tradicionalismo, que prega a função da Igreja no mundo simplesmente como pregar o Evangelho a toda criatura, a Teologia da Missão Integral acredita que seu “envio não se restringe a uma atividade missionária para fins exclusivos de propagação da fé cristã e fundação de novas igrejas.”²⁵.

Para se alcançar uma visão integral do Evangelho, é de suma importância o entendimento de que “A Igreja não é uma entidade isolada do mundo, mas ela o integra e participa direta ou indiretamente da sua transformação.” (SANCHES, 2009 p.145). O Cristão deve imitar a Cristo, onde a menor parte de sua pregação foi evangelística, mas sim, foi quase toda, destinada a falar da justiça do Reino dos Céus que vinha com Ele.

²⁴ POMMERENING, Claiton Ivan. Desafios de uma Proposta Pneumatológica para o Pentecostalismo. Disponível em:

<http://www.azusa.ceeduc.edu.br/index.php/azusa/article/view/123/107> Acesso em: 05/09/2016 p.10.

²⁵ SANCHES, Regina Fernandes. Teologia da Missão Integral: História e Método da Teologia Evangélica Latino-Americana. São Paulo-SP: Reflexão, 2009 p.145.

Assim, esse imitador de Cristo deve seguir os passos de seu mestre, pregando uma transformação do mundo por meio do Reino dos Céus já está presente em Cristo, na pessoa do Espírito Santo e trabalhar para a sua implantação na Terra (SANCHES, 2009).

Em uma de suas obras²⁶, John Spot afirma que a Criação pertence a Deus e foi sim delegada ao Homem, não obstante, essa delegação de forma alguma faz com que a Criação deixe de ser de Deus e passe a ser do Homem. Em vista disso, o Homem não tem um direito destruidor sobre a Criação, já que ela está sob a sua posse, mas isso não passa de um empréstimo. Deus permitiu que o Homem dominasse sobre a Criação, no entanto, esse domínio deve se manifestar como o domínio de Deus sobre os seus servos, domínio que de forma alguma é escravagista, mas sim suave²⁷.

É completamente inaceitável que um cristão que se diga filho de Deus e imitador de Cristo tenha descaso com o Meio Ambiente, que leva a selo do Pai. O discípulo radical²⁸ deve economizar energia e água, não apenas para economia de dinheiro, mas para a economia dos recursos naturais. Ele deve comprar apenas o alimento necessário para o seu sustento, evitando assim, que venha a estragar e ser jogado fora. Deve se policiar para sempre que possível comprar apenas produtos de empresas que sigam uma ética ambiental e deve militar, junto a ONGs, ONU e seu governo por um desenvolvimento sustentável da sociedade (STOTT, 2011), a fim de que as

²⁶ O Discípulo Radical de 2010 da editora Ultimato.

²⁷ STOTT, John. O Discípulo Radical. Viçosa-MG: Ultimato, 2011

²⁸ Termo cunhado por John Stott que se refere a um cristão que leva os ensinamentos de Cristo até os últimos extremos.

futuras gerações possam desfrutar de tudo o que se pode desfrutar hoje (BOFF, 2012).

Repensar conceitos escatológicos engessados: Boa parte do descaso do cristão em relação ao Meio Ambiente se dá por conta de conceitos escatológicos equivocados. Apesar de não ter nenhum texto bíblico com suficiente força para se afirmar tal, insiste-se em acreditar que o cristão viverá em um céu além e todo o restante da Criação será queimada.

Em seu livro²⁹, Jürgen Moltmann e Levi Bastos trazem a ideia de que, já que o pecado não afetou apenas o Homem, mas toda a Criação, o Sacrifício Vicário de Cristo não foi para salvar apenas o Homem das garras do pecado, mas toda a Criação, que como o Homem, era mantida como sua prisioneira. O Homem foi justificado na cruz, assim como toda a Criação, consequentemente, negligenciar a Criação é algo muito próximo a negligenciar uma alma, já que ambas foram alvo do amor infinito do Cristo na cruz³⁰.

Desse modo, faz-se também importante entender que o Homem é parte do Meio Ambiente e assim como o Meio Ambiente sofre ao perder algum de seus componentes ele sofreria ao perder o Homem, da mesma forma nenhum dos componentes do Meio Ambiente pode viver fora dele, nem mesmo o Homem. Moltmann corrobora isso quando diz que “a escatologia cristã não pode ser reduzida à escatologia humana nem a escatologia humana à salvação da alma num céu além. Não há alma sem corpo humano, nem

²⁹ O Futuro da Criação de 2011 da editora Mysterium.

³⁰ MOLTSMANN, Jünger; BASTOS, Levy. O Futuro da Criação. Rio de Janeiro-RJ: Mysterium Mauad X, 2011

existe o humano sem o sistema de vida nesta Terra, nem a Terra sem o universo.”³¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As propostas do último tópico deste Artigo Científico não são sequer o começo da resolução do Problema do Meio Ambiente, entretanto, cumpri-las pode iniciar um processo de melhoria da relação entre o Homem e o Meio Ambiente, sendo esse o primeiro passo para se resolver o Problema do Meio Ambiente.

Para concluir, o cristão pentecostal deve entender que “Desta vez, não haverá uma arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os demais. Ou nos salvamos todos, ou nos perderemos todos.” (BOFF, 2012 p.14).

REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. Dualismo Corpo/Alma na Teologia Pentecostal. Disponível em: <http://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-104185/dualismo-corpoalma-na-teologia-pentecostal> Acesso em: 01/09/2016.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2001.

BOFF, Leonardo. As Quatro Ecologias: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral. Rio de Janeiro-RJ: Mar de Ideias: Navegação Cultural, 2012.

BOFF, Leonardo. Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela Terra. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

³¹ MOLTSMANN, Jürgen. Ciência e Sabedoria: Um Diálogo entre Ciência Natural e Teologia. São Paulo-SP: Loyola, 2002 p.98.

HARTOG, François. Regimes de Historicidade: Presentismo e Experiência do Tempo. Belo Horizonte MG: Autêntica, 2015.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e Poder. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.

MOLTMANN, Jürgen. Ciência e Sabedoria: Um Diálogo entre Ciência Natural e Teologia. São Paulo-SP: Loyola, 2002.

MOLTMANN, Jünger; BASTOS, Levy. O Futuro da Criação. Rio de Janeiro-RJ: Mysterium e Mauad X, 2011.

ONU, Organização das Nações Unidas do Brasil. Conheça os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/> Acesso em: 21/09/2016.

PIMENTA, João Paulo. História do Presentismo, História Presentista? A propósito de Regimes de historicidade, de François Hartog. São Paulo: Revista Histórica, no.172, Janeiro 2015.

POMMERENING, Claiton Ivan. Desafios de uma Proposta Pneumatológica para o Pentecostalismo. Disponível em: <http://www.azusa.ceeduc.edu.br/index.php/azusa/article/view/123/107> Acesso em: 05/09/2016.

SANCHES, Regina Fernandes. Teologia da Missão Integral: História e Método da Teologia Evangélica Latino-Americana. São Paulo-SP: Reflexão, 2009.

STOTT, John. O Discípulo Radical. Viçosa-MG: Ultimato, 2011.

WESTPHAL, Euler Renato. O Oitavo Dia: Na Era da Seleção Artificial. São Bento do Sul- SC: União Cristã, 2004.